

Revisão de "A esperança de Pandora" de Bruno Latour (2017)

Fellipe Eloy Teixeira Albuquerque – Secretaria Municipal de São Paulo¹

DOI: <https://doi.org/10.5565/rev/periferia.677>

Resumo

A relevância dos não-humanos para os projetos humanos nos estudos científicos ganhou muito com as contribuições de Bruno Latour. Em "A esperança de Pandora" (2017) o pesquisador francês busca encontrar no fundo da "caixa de Pandora" uma esperança para os rumos que a Ciência tem tomado recentemente. Não que esses rumos sejam totalmente ineficazes, mas por estarem atrelados a supostas "guerras na ciência" se converteram numa aparente realidade independente de qualquer intervenção humana. A partir dessa preocupação veremos como Latour se empenhou, em discutir sobre o conceito de realidade nos estudos científicos contemporâneos.

Palabras clave: Realidade; Estudos científicos; Conceitos latourianos.

Abstract. *Review of "The hope of Pandora" by Bruno Latour (2017)*

The relevance of nonhumans to human projects in scientific studies gained much from the contributions of Bruno Latour. In "The Hope of Pandora" (2017) the French researcher seeks to find in the bottom of the "Pandora's Box" a hope for the directions Science has recently taken. Not that these directions are totally ineffective, but that they are linked to supposed "wars in science" that have become an apparent reality independent of any human intervention. From this concern we will see how Latour was engaged in discussing the concept of reality in contemporary scientific studies.

Keywords: Reality; Scientific studies; Concept latourian.

A realidade dos e nos estudos científicos

Em "A esperança de Pandora: ensaios sobre a realidades dos estudos científicos" (2014), Bruno Latour apresenta uma narrativa aparentemente cansativa, pois não se impõe limites ao uso metafórico. Exemplos do debate sobre o uso de armas, prisioneiros sendo vigiados em suas celas, o monstro do Lago Ness, a função dos números em mesas de restaurantes, entre tantos outros exemplos usados para

¹ Enviar correspondência a: Fellipe Eloy Teixeira Albuquerque, fellipe.elay@gmail.com

Fellipe Eloy Teixeira Albuquerque, *Revisão de "A esperança de Pandora" de Bruno Latour*, Perifèria 24(1), junio 2019

revistes.uab.cat/periferia

ilustrar conceitos científicos e antropológicos. A recorrência desse tipo de estratégia retórica pode ser desanimadora para os leitores que não estão acostumados com sua metodologia. Em compensação para os "já iniciados" é conveniente, pois facilita a identificação das relações entre humanos e não-humanos que permeiam as discussões relacionadas ao cotidiano.

A questão da "realidade dos estudos científicos", no entanto, é apresentada de forma original e surpreendente em comparação com a publicação de 2013. Latour começa sua proposição a partir de uma experiência vivenciada em um evento no Brasil, em que outro participante lhe questiona se é possível acreditar na realidade. (Latour, 2017, p.13). A partir daí ele aponta aspectos que justificariam as respostas possíveis: 1-Sim: "A realidade depende daquilo que a massa considera certo em determinada época". (Latour, 2017, p.21); 2- Não: "A realidade é um objeto de crença apenas para aqueles que iniciaram essa impossível cascata de arranjos, sempre deparando com uma solução pior e mais radical". (Latour, 2017, p.28).

Há uma característica recorrente nessa publicação, sempre que necessário o autor cita questões que já foram e/ou serão abordados na mesma obra. O caso do fatiche, por exemplo, é tema do último Capítulo (pp.315-345), mas é constantemente mencionado no decorrer do livro.

O argumento do livro é descrito como sendo "a invenção de um cérebro extirpado, isolado de tudo o mais, lutando pela verdade absoluta sem, infelizmente, alcançá-la" (Latour,2017,p.27), sendo o "cérebro extirpado" uma metáfora ao corpo de cientistas que buscam evitar as multidões – reflexão na qual as outras construções metodológicas apresentadas no resto do trabalho são baseadas, sendo, aparentemente, a mais relevante delas a análise dos vários estudos de casos.

Os estudos de caso

Nas primeiras linhas do "*Capítulo 2: Referência circulante*" (pp.39-95) percebemos a principal estratégia metodológica adotada por Latour, exemplificada com as seguintes palavras: "a única maneira de compreender a realidade dos estudos

Fellipe Eloy Teixeira Albuquerque, *Revisão de "A esperança de Pandora" de Bruno Latour*, Perifèria 24(1), junio 2019

revistes.uab.cat/periferia

científicos é acompanhar o que eles fazem de melhor, ou seja, prestar atenção aos detalhes da prática científica" (Latour, 2017,p.39). Isso é feito a partir de então.

O primeiro estudo de caso analisado foi acompanhado pessoalmente por ele: uma pesquisa na área de pedologia² em meio à Floresta Amazônica. Tinha como principal desafio demonstrar que o motivo e o sentido do termo "referência circulante". Para fazer isso de maneira a que a realidade sobressaia, Latour menciona como atenderá filosoficamente às questões que envolvem a expedição de três profissionais distintos na floresta Amazônica, deixando de lado algumas questões políticas e, sobretudo, sociológicas ligadas à compreensão do "contexto" – o que ele promete discutir melhor mais tarde, ao corrigir a distinção entre conteúdo e contexto no "*Capítulo 3: O fluxo sanguíneo da ciência*".

Boa parte dessa análise é destinada a discutir os procedimentos adotados pelos pesquisadores, considerando os objetivos individuais de cada área, a saber: 1- observar os padrões de crescimento das árvores; 2- conferir se há mudanças do solo argiloso para arenoso; 3- estudar a história natural e social da forma da terra. Assim, a expedição científica dos três desvenda se a floresta está avançando ou recuando – fator de interesse não só para ciência mas, também, para muitos "homens de negócio" que por ali circulam. A evidência para justificar uma ou outra condição da floresta é diagnosticada com a incidência de certas espécies nativas resistentes ao fogo que, geralmente, se desenvolvem em áreas mais áridas, mas que estão concentradas na orla entre a floresta e a savana de Roraima. O crescimento natural dessa espécie de árvore instigou os pesquisadores – apenas eles – a realizar tal estudo.

Latour, por sua vez, se dedica a observar os recursos que cada um dos três adotaram para coletar, armazenar e tratar os dados obtidos em campo. Ele menciona mais de uma vez que está ali unicamente para "estudar empiricamente a questão epistemológica da referência científica" (Latour, 2017, p.41). Sua expectativa era

² Pedologia é uma das ciências do solo, não devendo ser confundida com a geologia, ciência do subsolo, nem com a podiatria, arte médica de tratar os pés. (Latour, 2017, p.41)

Fellipe Eloy Teixeira Albuquerque, *Revisão de "A esperança de Pandora" de Bruno Latour*, Perifèria 24(1), junio 2019

revistes.uab.cat/periferia

que, por se tratar de uma expedição interdisciplinar, as estratégias metodológicas fossem diferentes das quais está habituado a acompanhar nos laboratórios franceses. Engano seu pois, no decorrer do processo, ele acabou se deparando com uma "tautologia" adaptada.

Os pesquisadores adotaram os mesmos recursos (mapas, gabaritos, etiquetas, coleta de exemplares, classificação, etc.) da ciência tradicional, com a diferença de serem aplicadas diante um recorte da floresta correspondente a uma versão ao ar livre do laboratório francês, de onde almejavam se distanciar. A principal consideração sobre como isso aconteceu é a "referência circulante":

A fim de obter o modelo canônico de palavras e mundo separados por um abismo e ligadas pela perigosa ponte da correspondência, temos simplesmente de considerar a referência circulante e eliminar todas as mediações, por serem intermediários inúteis que tornam a conexão opaca. Isso só é possível no final (provisório) do processo. (Latour, 2017, p.89)

Em outras palavras, no modelo tradicional a forma (o estudo) e a matéria (o estudado) se encaixam de alguma forma e partem do centro para as extremidades continuamente e incalculável, enquanto que essa "alguma forma" corresponderia à mediação da referência. Quando consideramos a "referência circulante" as mediações são deslocadas para o redor dos encaixes, ou seja, desconsidera inicialmente como forma e matéria se encaixam para depois, quando o processo estiver próximo ao final, ser retomado. Para que esse esquema tenha sucesso, é preciso identificar os procedimentos que foram aplicados, ordená-los e substituí-los se for necessário. Em suma, a realidade do estudado será sempre transformada pela retórica do estudo.

Nos Capítulos posteriores "3: *O fluxo sanguíneo da ciência*", "4: *Da fabricação à realidade*" e "5: *a historicidade das coisas*", a concepção de referência circulante permeia várias discussões. Sendo que em cada um deles há novamente uma análise sobre os procedimentos científicos adotados aqui e acolá.

No 3º a discussão é sobre os esforços de Frédéric Joliot (1900-1958) em comprovar

Fellipe Eloy Teixeira Albuquerque, *Revisão de "A esperança de Pandora" de Bruno Latour*, Perifèria 24(1), junio 2019

revistes.uab.cat/periferia

se a teoria da reação nuclear em cadeia era possível. Diante de um cenário complexo, que envolvia uma "guerra" de interesses, incluía o futuro da Guerra (Segunda Guerra Mundial), investimentos de uma mineradora multinacional Belga e uma fornecedora norueguesa de água pesada, Latour tenta ilustrar como os anseios científicos de Joliot não foram os únicos interesses envolvidos com o financiamento de sua pesquisa, que embora fracassada, partia de algo maior. As inúmeras ramificações de interesse que transformam a realidade dos estudos científicos são a fonte da metáfora para os "fluxos sanguíneos". A preocupação de Latour nesse Capítulo, portanto, é demonstrar como Louis Pasteur (1822-1895) desenvolveu seus estudos incansavelmente até comprovar a eficácia do uso da fermentação para qualquer que seja seu uso. O Capítulo seguinte se dedica a comprovar que os não-humanos envolvidos com a fermentação láctica sempre estiveram lá, demonstrando de forma minuciosa e complementar aspectos onde os estudos científicos encontraram de alguma forma cenários de confrontação com a realidade, e que abrem caminho para que o autor discuta finalmente sobre "Um coletivo de humanos e não-humanos".

Daí em diante o tom da discussão é diferente, se aproxima com os outros escritos que já estamos acostumados, e Latour desenvolve uma série de reflexões sobre como a mediação por meio da técnica pode gerar relações híbridas entre humanos e não-humanos. Segundo ele, há quatro possibilidades: 1- por meio de *Interferências*; 2- pela *Composição*; 3- no *Entrelaçamento entre tempo e espaço*; 4- quando há *Transposição da fronteira entre signos e coisas*. A discussão sobre esses tipos de mediações é apresentada por Latour (2017) refletindo sobre um tópico difícil de introduzir atualmente no Brasil sem resvalar em discursos políticos e ideológicos. Para tentar ilustrar como as conexões híbridas entre sujeitos humanos e não-humanos acontecem, ele usa como exemplo o embate entre posicionamentos prós e contras ao desarmamento, sendo os primeiros chamados por ele de *materialistas* e os outros ligados à *National Rifle Association*, de *moralistas* (Latour, 2017, p.210).

Enquanto os materialistas alegam que "*armas de fogo matam pessoas*" (ibid), os moralistas se contrapõem dizendo "*armas não matam pessoas, pessoas matam pessoas*" (ibid). E a partir daí os discursos se concentram em responder às perguntas:

Fellipe Eloy Teixeira Albuquerque, *Revisão de "A esperança de Pandora" de Bruno Latour*, Perifèria 24(1), junio 2019

revistes.uab.cat/periferia

"*Quem ou o que é responsável de matar? A arma nada mais é que um produto da tecnologia mediadora?*" (Latour, 2017, p.211). A intensidade e recorrência das relações é o que determina a que significado de mediação técnica ela pertence.

As mediações por meio de *interferências* (translações de objetivos), por exemplo, acontecem quando o encontro dos interesses de dois sujeitos – sejam eles humanos ou não-humanos – resulta em um novo objetivo. A mediação por meio da *composição* é praticamente o resultado de junções entre várias *interferências* (translações de objetivos). Com um grau maior de complexidade, o *entrelaçamento entre tempo e espaço* acontece quando reconhecemos que os sujeitos são formados por conjuntos de artefatos, cada qual com seu subprograma que podem se alinhar, distanciar e/ou se separar, dependendo da crise que sofra.

Já a *transposição da fronteira entre signos e coisas* é uma versão parecida com a primeira (translações de objetivos), mas que não localiza os sujeitos de forma explícita. Os objetivos são reverberações: por exemplo, o quebra-molas foi criado pelo engenheiro com o propósito de reduzir acidentes; o motorista preocupa-se com o amortecedor do seu carro, ou seja, é só a partir de um outro objetivo que o original é atendido. No caso do motorista e do quebra-molas, onde está o engenheiro? É como dizer que "*a ação muito antiga de um ator já desaparecido continua ativa aqui, hoje e em relação a mim*" (Latour, 2017, p.224), portanto, o engenheiro se torna uma extensão do quebra-molas, um objetivo humano misturado ao do não-humano.

Ciência e Estado: caminhos para um novo conceito

O tom metafórico do livro persiste nos Capítulos 7 e 8, que são intencionalmente complementares. Enquanto o primeiro trata do conflito entre ciência e política diante ao Estado usando como metáfora o embate entre Sócrates e Cálicles, o outro preocupa-se em mostrar como "o Estado poderia comportar-se de maneira muito diferente, caso se tivesse outra definição da ciência e da política" (Latour, 2017, p.259). O embate entre Sócrates e Cálicles é comparável a uma luta de boxe, com seu ringue (Ágora), seus rounds (discurso, réplica e tréplica) e, por fim, o nocaute técnico, infringido à Cálicles por meio da escassez de argumentos. No contexto,

Fellipe Eloy Teixeira Albuquerque, *Revisão de "A esperança de Pandora" de Bruno Latour*, Perifèria 24(1), junio 2019

revistes.uab.cat/periferia

Sócrates representa a Razão, os sofistas (Górgia, Polo e Cálicles) a voz da Força, e ambos buscam comprovar suas verdades, adotando cada qual uma tática: Sócrates tenta "fazer o adversário hesitar, calar-se" (Latour, 2017, p.273) e Cálicles "altera consideravelmente o modelo clássico ao complementar a educação com um apelo à lei que é superior à lei" (Latour, 2017, p.264), sendo superior a lei da natureza em comparação com a lei humana.

No entanto, existe outro ator na ilustração desse debate: a "multidão", referenciada muitas vezes como os "dez mil tolos que produzem suas leis" (o Estado), que fica à espreita, esperando do resultado do conflito entre Razão e Forças as recomendações a seguir. Nesse caso específico, provavelmente por conta da narração tendenciosa de Platão, sagra-se triunfante a Razão. Os esforços da fase seguinte, presumidamente complementar às várias especificações do debate político, visam reconstruir a imagem do Estado. Basta, portanto, recorrer à "longa lista de observações negativas feitas por Platão: elas mostram ao revés o que está faltando quando se converte o que era, até então, o conhecimento distribuído do todo sobre o todo num conhecimento especializado monopolizado por uma minoria" (Latour, 2017, p.280), que é feita a partir da abordagem dos resultados obtido nos debates do Capítulo anterior. A dificuldade de Sócrates em interagir com a multidão (agorafobia) fez com que concebesse uma imagem do Estado formado por incultos. Por conta disso, alguns dos argumentos de Cálicle ganharam força, justificando o embate caloroso entre ambos. É só depois de rerepresentar resumidamente esse conflito (pp. 303-305) diante de uma enumeração de tópicos para elucidar cena por cena o discurso socrático, que Latour finalmente recorre ao problema envolvendo os estudos científicos: "uma ciência livre da política de abolir a política" (Latour, 2017, p.305).

Antes de adentrar na formulação do novo conceito, Latour faz definitivamente a indicação dos causadores da chamada "guerra das ciências", nada menos que as próprias definições para ciência: 1- com C maiúsculo, o ideal da transmissão de informações sem discussão ou deformação; 2- lida com entidades não-humanas a partir de experimentos e cálculos que se nutrem das controvérsias (Latour, 2017, p.306), que por consequência apresenta os dois campos contraditórios onde os

Fellipe Eloy Teixeira Albuquerque, *Revisão de "A esperança de Pandora" de Bruno Latour*, Perifèria 24(1), junio 2019

revistes.uab.cat/periferia

estudos científico tentam se consolidar: "os das humanidades, que pensam que damos demasiado às entidades não humanas, e os de alguns quartéis das ciências 'duras', que nos acusam de dar demasiado às entidades humanas." (Latour, 2017, p.307). Ficou, portanto, definido que os seguidores de Sócrates impõem a Razão sobre o interesse da maioria, enquanto os de Cálicles visam agradecer a todos por meio da retórica.

Fetiche

Embora Bruno Latour esteja aparentemente satisfeito com os resultados obtidos com seus levantamentos apresentados até aqui, parece que lhe falta algo. Segundo sua perspicácia, há algo no "ponto de quebra" que despedaçou o antigo modelo que pode preencher tal lacuna. Uma percepção que é oposta à dos pragmáticos, não se trata de dualidades entre teorias e conteúdos, mas do rompimento de uma unidade científica. Para consolidar esse pensamento, ele busca primeiro o sentido de fetiche, que em suas palavras é "algo que nada é em si mesmo, mas simplesmente a tela branca na qual projetamos, erroneamente, nossas fantasias, nosso trabalho, nossas esperanças e paixões" (Latour, 2017, p.319). Para isso, faz comparações com um mito envolvendo Jagannath³ e uma pedra sagrada, em que Jagannath tenta provar a si mesmo e aos párias⁴ que se trata apenas de uma simples pedra, forçando todos a tocá-la. Jagannath é um exemplo de iconoclasta, e "a iconoclastia é uma parte essencial de qualquer crítica" (ibid).

A crença na pedra é o exemplo de fetiche, enquanto o toque, que supostamente a desmistifica, o exemplo de fato. Ambos são construídos – argumento atrelado a parte da discussão do Capítulo 4 – e compartilham uma ruptura, causada pelo impacto do "martelo" metafórico do iconoclasta. No entanto, quando a fabricação em laboratório dos fatos e a fabricação explícita do fetiche são agrupados, os recursos do iconoclasta se diluem no ar, sobrando o que ele denomina de *fetiche*. Assim, "podemos recuperar

³ Divindade indiana.

⁴ Membro da casta social mais baixa da Índia, considerado impuro segundo a tradição cultural hinduísta; essa casta social.

Fellipe Eloy Teixeira Albuquerque, *Revisão de "A esperança de Pandora" de Bruno Latour*, Perifèria 24(1), junio 2019

revistes.uab.cat/periferia

o fatiche do massacre dos fatos e fetiches quando recuperarmos explicitamente as ações dos criadores de ambos" (Latour, 2017, p.324). A discussão continua apresentando as características desse novo conceito, formulado a partir da junção entre fato e fetiche.

A posteriori

Nas considerações finais do livro, Latour reúne os resultados obtidos com a análise da "realidade dos estudos científicos". A primeira conclusão é que só "existe um acordo, que conecta as questões de ontologia, epistemologia, ética, política e tecnologia" (Latour, 2017, p.347), o que não justifica a análise isolada de certas perguntas tais como: "De que modo protegeremos a natureza da cobiça humana"? (ibid). São todas questões que se deparam com barreiras na nova política que considera os não-humanos para sua formulação. Os estudos científicos e os cientistas, portanto, não atendem mais – como muitos que não os acompanham de perto presumem – as normativas do acordo modernista. Que aliás é descrito em um Glossário como sendo:

Responsável por incontáveis problemas que não podem ser resolvidos separadamente e devem ser encarados em conjunto: a questão epistemológica de como podemos conhecer o mundo exterior, a questão psicológica de como uma mente consegue preservar sua conexão com o mundo exterior, a questão política de como logramos manter a ordem na sociedade e a questão moral de como chegaremos a viver em uma boa vida – em suma "fora", "dentro", "embaixo" e "em cima". (Latour, 2017, p.357).

Para os não iniciados, talvez seja melhor iniciar a leitura por aqui (Glossário).

Bibliografía

Latour, B. (2017). *A esperança de Pandora: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos*. São Paulo-BR: Editora UNESP.

Latour, B. (2013). *Jamais fomos modernos*. São Paulo-BR: Editora 37.